CITRICULTURA EM SÃO PAULO

O SUCO DE LARANJA BRASILEIRO OCUPA UMA POSIÇÃO DESTACADA NO MERCADO MUNDIAL. A EVOLUÇÃO RECENTE DA PRODUÇÃO CITRÍCOLA NO ESTADO DE SÃO PAULO É O OBJETO DESTE ESTUDO, EM QUE SE PROCURA, TAMBÉM, COMENTAR AS TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO E DO MERCADO INTERNACIONAL, NOS PRÓXIMOS ANOS.

O aumento da demanda internacional pelo suco concentrado de laranja, nas décadas de 60 e 70, beneficiou sobremaneira a citricultura paulista, que se expandiu, provocando profundas alterações sócio-econômicas na tradicional área de concentração da lavoura, situada nos limites das Divisões Regionais Agrícolas de Campinas, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto (ver Quadro 01 e Mapa 01).

A produção paulista, que era de 14,4 milhões de caixas de laranja em 1960, alcançou 44,4 milhões em 1970, mais do que triplicando, portanto, no período. Na década de 70, o crescimento foi ainda mais acentuado, colhendo-se o equivalente a 166,8 milhões de caixas, em 1980. A partir de então, as taxas de crescimento declinaram acentuadamente, como conseqüência direta da saturação do mercado externo, do esgotamento de áreas adequadas disponíveis, da expansão acelerada da cana-de-açúcar e da redução dos preços recebidos pelo citricultor. No qüinqüênio de 1975–80, a produção cresceu 93%, um bom desempenho, mas que, praticamente, vinha-se mantendo desde 1965. No período 1980–85, o acréscimo deverá situar-se em torno de 65%, refletindo as limitações mencionadas.

No biênio 1978–79, houve o maior crescimento de pomares novos, pois foram plantados cerca de 24 milhões de pés. A partir de 1980, o plantio vem sendo feito a taxas pouco superiores à de renovação dos pomares, mantendo-se um aumento moderado mas constante.

A instalação de um moderno parque industrial de extração e concentração de suco, que inclui avançado sistema de refrigeração e até dutos para embarque, veio garantir o seguro escoamento das safras e o atendimento da demanda internacional.

QUADRO 01 – SÃO PAULO – PRODUÇÃO DE LARANJA, SEGUNDO AS DIVISÕES REGIONAIS AGRÍCOLAS – SAFRAS 1981/82, 1982/83 E 1983/84

DIVISÃO REGIONAL AGRÍCOLA	1981/82			1982/83			1983/84 (1)		
	PÉS NOVOS (mil pés)	PÉS EM PRODUÇÃO (mil pés)	PRODUÇÃO (mil caixas)	PÉS NOVOS (mil pés)	PÉS EM PRODUÇÃO (mil pés)	PRODUÇÃO (mil caixas)	PÉS NOVOS (mil pés)	PÉS EM PRODUÇÃO (mil pés)	PRODUÇÃO (mil caixas)
São Paulo	10	420	1.070	20	400	940	20	350	805
Vale do Paraíba	10	150	280	10	170	300	5	145	270
Sorocaba	170	2.280	5.840	130	2.300	6.000	165	2.280	5.950
Campinas	4.920	23.000	46.860	4.560	24.000	52.000	3.780	23.710	52.170
Ribeirão Preto	9.120	42.750	80.460	7.330	46.250	79.000	6.730	46.190	80.980
Bauru	250	670	1.530	200	800	1.880	130	800	2.015
São José do Rio Preto	4.790	18.000	46.400	5.680	19.700	47.000	5.785	21.290	52.930
Araçatuba	120	540	1.280	110	550	1.210	125	540	1.425
Presidente Prudente	10	40	70	20	30	40	30	30	45
Marília	10	320	620	10	250	480	10	265	490
ESTADO	19.410	88.170	184.410	18.070	94.450	188.850	16.780	95.600	197.080

FONTE – IEA – Cati.
(1) Estimativa.

SÃO PAULO - ÁREAS DE PRODUÇÃO DE LARANJA

MAPA 01



FONTE — A Citricultura em São Paulo – Antônio Ambrósio Amaro, IEA

A geada que, em 1962, afetou severamente os pomares da Flórida e a conseqüente valorização do preço do suco concentrado de laranja no mercado internacional, estimularam a instalação da indústria processadora de laranjas no Brasil. Em 1963, as exportações atingiram 5 mil t de suco, com uma receita superior a US$ 2 milhões. Destaque-se que, desde o início, a produção brasileira voltou-se quase que unicamente para o mercado externo, logo conquistando os mercados da Europa Ocidental e dos **EUA**, que ainda hoje são os principais importadores. O baixo consumo de suco no mercado interno pode ser explicado, dentre outras razões, pelos hábitos da população, seu reduzido poder de compra e pela ausência de campanhas publicitárias incentivadoras do consumo. Freqüentemente, aliás, o suco oferecido no mercado interno é de qualidade inferior.

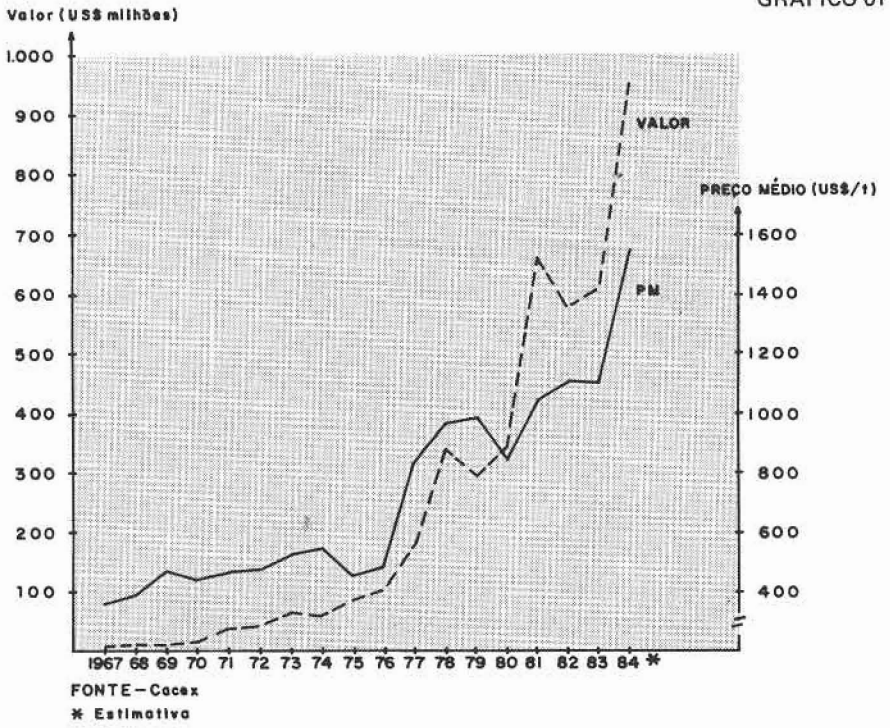
No período 1974–76, registrou-se grave crise econômico-financeira no complexo agroindustrial, advinda das medidas restritivas impostas às importações pelos países da **CEE**, às voltas com desequilíbrios em suas balanças comerciais, afetadas pela substancial elevação dos preços mundiais do petróleo. Constituiu-se, então, elevado estoque de suco invendável naquele momento. Duas das principais empresas tiveram suas atividades suspensas: a **Sanderson** (de Bebedouro) e a **Citrossuco Paulista** (de Matão). A falência da **Sanderson**, após várias negociações, resultou na sua aquisição pelo governo paulista e agora, administrada por uma cooperativa de produtores, transformou-se na **Frutesp**. A **Citrossuco**, acusada de praticar subfaturamento, teve posteriormente suas atividades liberadas.

Em 1982, o parque industrial instalado contava com uma capacidade de moagem de cerca de 220 milhões de caixas de laranja. Sua expansão deu-se a taxas elevadas, nos últimos dez anos, visto que, em 1970, apenas 75 extratoras estavam em operação, número que chegou a 350, em 1978, e a 450, dois anos depois. O complexo industrial apresenta uma configuração oligopólica, uma vez que quatro empresas — **Cutrale, Citrossuco, Cargill** e **Frutesp** — detêm cerca de 80% da capacidade de moagem. As demais indústrias existentes no que se poderia denominar de **cinturão da laranja** são responsáveis pela produção dos 20% restantes. Nos últimos quatro anos, instalaram-se três novas pequenas empresas, que deverão disputar uma fatia da já reduzida parcela das indústrias menores, pois dificilmente estas unidades serão capazes de se apropriarem de parte do mercado das quatro grandes.

As exportações de suco concentrado de laranja que, desde 1968, colocaram o Brasil como líder no mercado internacional do produto, tiveram ao longo dos anos enorme expansão (ver Gráfico 01). A contínua valorização das cotações externas (ex-

BRASIL – SUCO CONCENTRADO DE LARANJA
EVOLUÇÃO DA RECEITA E DO PREÇO MÉDIO DA EXPORTAÇÃO
1966—84

GRÁFICO 01



FONTE – Cacex
* Estimativo

QUADRO 02 – SÃO PAULO – PRODUÇÃO DE LARANJA SEGUNDO GRUPOS DE ÁREA CULTIVADA – 1980

GRUPOS DE ÁREA (ha)	QUANTIDADE (1.000 frutos)	ÁREA COLHIDA (ha)	RENDIMENTO (frutos/ha)	PÉS QUE PRODUZIRAM	RENDIMENTO (frutos/pé)	PÉS NOVOS Total	PÉS NOVOS Plantados em 1980	TOTAL DE PÉS PLANTADOS[1]	VALOR DA PRODUÇÃO (Cr$ 1.000)
10 a menos de 100	11.753.126	132.569	88.657	34.086.272	345	9.637.906	3.707.800	45.081.646	5.179.828
10 a menos de 20	1.637.368	19.314	84.776	5.534.476	296	1.318.213	501.105	7.161.198	733.868
20 a menos de 50	5.185.602	58.527	88.602	15.219.378	341	4.427.520	1.776.576	20.251.734	2.282.886
50 a menos de 100	4.930.154	54.727	90.086	13.332.418	370	3.892.173	1.430.119	17.668.714	2.163.072
100 a menos de 1.000	16.291.810	171.470	95.013	39.682.702	411	11.640.458	4.391.330	52.599.256	7.324.365
100 a menos de 200	5.114.846	55.546	92.083	13.090.855	391	3.666.595	1.356.156	17.279.367	2.299.432
200 a menos de 500	7.039.479	74.750	94.174	17.009.641	414	5.432.712	2.153.448	22.978.591	3.200.876
500 a menos de 1.000	4.137.483	41.173	100.490	9.582.206	432	2.541.151	881.726	12.341.298	1.824.056
1.000 a menos de 10.000	3.630.029	36.295	100.015	8.019.340	453	2.559.544	1.032.142	11.122.784	1.834.274
1.000 a menos de 2.000	2.146.596	22.339	96.092	5.241.136	410	1.166.437	637.208	6.780.053	1.002.456
2.000 a menos de 5.000	1.384.144	12.323	112.322	2.424.112	571	1.106.703	373.484	3.702.167	764.576
5.000 a menos de 10.000	99.288	1632	60.838	354.092	280	286.404	21.450	640.564	67.242
SUBTOTAL DOS GRUPOS	31.674.965	340.334	93.070	81.788.314	387	23.837.908	9.131.272	108.803.686	14.338.467
TOTAL SÃO PAULO	32.223.243	347.771	92.656	84.086.631	383	24.413.250	9.346.000	111.882.298	14.609.726

FONTE – Censo Agropecuário – 1980.

(1) Somatório do total de pés novos mais total de pés em idade produtiva.

ceto nos anos de 1970, 1975 e 1980) gerou acentuado aumento das receitas, que também se elevaram em virtude da expansão das quantidades exportadas, a partir de 1963.

As geadas de 1981, 1982 e 1983 que afetaram os pomares da Flórida, além de terem possibilitado o escoamento de todo o estoque brasileiro de suco, favorecerão, ainda este ano, uma exportação recorde, com uma receita estimada em US$ 950 milhões. A agroindústria da laranja desfruta hoje de invejável situação, porque tem larga capacidade de processamento e, assim, é capaz de suprir a lacuna deixada pelas quebras das safras norte-americanas, aproveitando-se, além disso, da elevação verificada nos preços externos. Vale lembrar, porém, que esse aumento dos preços poderá acarretar queda no consumo final dos **EUA**. Igualmente se deve considerar que a manutenção ou a subida das atuais cotações por um período, por exemplo, de dois anos, poderá estimular a entrada de outros países no mercado. A África do Sul, México e Cuba possuem planos para a implantação e desenvolvimento de indústrias nativas processadoras de laranjas. Israel, hoje um dos principais concorrentes, devido aos elevados custos de sua matéria-prima, tem reduzido, ao longo dos últimos anos, sua produção de laranja. A Espanha, ao efetivar sua entrada na **CEE**, poderá viabilizar um plano de industrialização, devido ao tratamento preferencial que irá receber nas suas vendas dentro da Comunidade.

Conforme referência anterior, a acentuada expansão da lavoura e da industrialização da laranja em São Paulo, nas últimas décadas, trouxe profundas modificações à área compreendida pelas **Diras** de Campinas, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto, onde se colhem atualmente 95% do total produzido no estado (ver Quadro 01). Podem ser destacadas, dentre as mudanças, o cultivo de grande extensão contínua, com imensos pomares, e a demanda crescente de trabalhadores volantes, originários, em grande parte, dos centros urbanos regionais.

A estrutura organizacional da indústria da laranja promoveu, ainda, alterações nas relações de trabalho na fase de colheita dos laranjais, operação que passou a ser feita através de empreiteiros contratados pelas indústrias. A cultura da cana-de-açúcar, que também se expandiu na área, com a criação do **Proálcool**, passou a concorrer com a citricultura na contratação da mão-de-obra volante, uma vez que a agroindústria açucareira utiliza o mesmo sistema de contrato para o corte da cana.

Atualmente, a comercialização e a distribuição da produção de laranja, no estado de São Paulo, são quase totalmente controladas pelas indústrias que, uma vez abastecidas, encarregam-se de suprir os intermediários com a fruta **in natura**. A mudança do controle da distribuição de laranja, verificada nos últimos treze anos, eliminou praticamente a figura do **caminhoneiro**, agente que comprava a fruta diretamente na fazenda para vender nos centros urbanos.

QUADRO 03 – SÃO PAULO – PRODUÇÃO DE LARANJA SEGUNDO GRUPOS DE ÁREA CULTIVADA – 1975

GRUPOS DE ÁREA (ha)	QUANTIDADE (1.000 frutos)	ÁREA COLHIDA (ha)	RENDIMENTO (frutos/ha)	PÉS QUE PRODUZIRAM	RENDIMENTO (frutos/pé)	PÉS NOVOS Total	PÉS NOVOS Plantados em 1975	TOTAL DE PÉS PLANTADOS[1]	VALOR DA PRODUÇÃO (Cr$ 1.000)
10 a menos de 100	6.193.719	79.474	77.934	24.008.868	258	10.208.745	3.168.890	35.574.259	302.987
10 a menos de 20	1.024.719	13.842	74.030	4.515.562	227	1.459.205	480.989	6.223.191	53.805
20 a menos de 50	2.640.777	34.468	76.615	10.480.528	252	4.477.296	1.362.283	15.558.582	126.886
50 a menos de 100	2.528.224	31.164	81.126	9.012.778	281	4.272.244	1.325.618	13.792.483	122.296
100 a menos de 1.000	8.125.438	87.161	93.223	26.030.783	312	13.992.985	5.746.630	40.940.607	412.721
100 a menos de 200	2.541.889	28.625	88.800	8.216.747	309	4.974.132	1.707.364	13.540.406	121.757
200 a menos de 500	3.491.261	37.625	92.791	11.181.681	312	5.351.781	2.212.617	16.919.667	184.231
500 a menos de 1.000	2.092.289	20.912	100.052	6.532.355	315	3.667.072	1.826.649	10.480.534	106.733
1.000 a menos de 10.000	1.875.538	14.960	125.370	5.035.716	372	3.110.616	1.091.624	8.296.316	113.459
1.000 a menos de 2.000	1.55.454	10.721	107.775	3.649.870	317	2.308.455	1.018.235	6.085.806	68.636
2.000 a menos de 5.000	455.643	3.591	126.885	940.252	485	622.011	56.454	1.584.158	26.633
5.000 a menos de 10.000	264.442	648	408.090	445.594	593	180.150	16.935	626.352	18.189
SUBTOTAL DOS GRUPOS	16.194.695	181.595	89.180	55.075.367	294	27.312.346	10.007.144	84.811.182	829.167
TOTAL SÃO PAULO	16.688.021	188.163	88.689	57.534.270	290	27.985.742	10.288.837	88.098.719	863.068

FONTE – Censo Agropecuário – 1975.

[1] Somatório do total de pés novos mais total de pés em idade produtiva.

Segundo o **Censo Agropecuário** de 1980, de uma produção de 32 bilhões de frutas, 80% foram destinados à indústria. Na área colhida nesse ano (347,8 mil ha), obteve-se um rendimento médio de 92.656 frutas/ha, 4,5% superior ao de 1975. O número total de pés plantados (111,9 milhões) pouco evoluiu no período posterior, chegando a 112,4 milhões, em 1984 (ver Quadro 02).

A produção, de acordo com os **Censos Agropecuários** de 1970, 1975 e 1980, concentra-se em dois grandes grupos de área: de 10 ha a menos de 100 ha e de 100 ha a menos de 1.000 ha. Nos estabelecimentos compreendidos nestas faixas, eram cultivados 84% da produção estadual, em 1980 (ver Quadros 02, 03 e 04). A faixa de 1.000 ha a menos de 10.000 ha, que responde por 10% da produção, embora apresente os maiores rendimentos por área cultivada e por pé, manteve praticamente constante sua participação ao longo dos levantamentos censitários (ver Quadros 02, 03 e 04).

A distribuição da produção por municípios (ver Quadros 05, 06 e 07), de acordo com os **Censos Agropecuários** citados, mostra, com destaque, os municípios de Bebedouro e Limeira, responsáveis naquelas datas por 30%, 22% e 13% da produção estadual, respectivamente. O declínio reflete a estagnação da produção de Limeira no decênio 1970–1980, visto que a produção de Bebedouro mais do que dobrou no período. Em 1975, os municípios de Monte Azul Paulista, Taquaritinga, Araras, Artur Nogueira e Araraquara eram também importantes produtores, respondendo por 23% da colheita estadual. Cabe destacar que, em Bebedouro, registraram-se rendimentos agrícolas sempre superiores aos de Limeira, embora tenham apresentado significativa queda no período 1970–75 (ver Quadros 05, 06 e 07). O qüinqüênio 1975–80 marca a estagnação da produção em Limeira e a ascensão de Monte Azul Paulista como o segundo município produtor do estado (ver Quadro 05), respondendo juntamente com Bebedouro, por 15% da produção estadual. O aumento obtido nos rendimentos físicos por árvore em alguns municípios, principalmente Monte Azul Paulista, Pitangueiras e Cajobi, mostra que a produtividade média da citricultura paulista ainda pode evoluir bastante, alcançando uma média superior a 2,5 caixas/pé (ver Quadro 05).

No que tange aos preços recebidos pelos produtores (ver Gráfico 02), o período pós–68 pode ser dividido em duas partes: 1968–73 e 1974–84. A primeira, marcada por elevados preços, quando a comercialização das safras era feita na base de **pomares fechados** (antes do desenvolvimento da fruta), fazendo com que a indústria se tornasse sócia dos riscos de produção. O rendimento agrícola se manteve praticamente constante, desde meados da década de 60 até 1979. A média do período 1968–73 oscilou em torno de 1,8 caixa de laranja por pé, somente chegando a 2 caixas/pé no ano de 1980. Segundo estimativa do **Instituto de**

QUADRO 04 – SÃO PAULO – PRODUÇÃO DE LARANJA SEGUNDO GRUPOS DE ÁREA CULTIVADA – 1970

GRUPO DE ÁREA (ha)	QUANTIDADE (1.000 frutos)	ÁREA COLHIDA (ha)	RENDIMENTO (frutos/ha)	PÉS QUE PRODUZIRAM	RENDIMENTO (frutos/pé)	TOTAL DE PÉS NOVOS	TOTAL DE PÉS PLANTADOS[1]	VALOR DA PRODUÇÃO (Cr$ 1.000)
10 a menos de 100	3.145.491	45.221	69.558	12.360.800	254	9.439.170	22.712.910	58.697
10 a menos de 20	666.508	9.831	67.797	2.841.403	235	1.949.111	5.022.469	12.940
20 a menos de 50	1.370.049	19.760	69.334	5.417.781	253	3.975.979	9.756.400	25.159
50 a menos de 100	1.108.934	15.630	70.949	4.101.616	270	3.514.080	7.935.041	20.598
100 a menos de 1.000	3.922.661	48.318	81.184	11.267.140	348	9.475.482	21.330.589	76.969
100 a menos de 200	1.174.522	14.873	78.970	3.688.123	318	3.118.964	7.050.833	21.942
200 a menos de 500	1.684.710	21.540	78.213	4.922.104	342	4.468.717	9.676.000	32.715
500 a menos de 1.000	1.063.429	11.906	89.319	2.656.913	400	1.887.801	4.603.756	22.311
1.000 a menos de 10.000	933.661	10.722	87.079	2.031.857	460	1.564.761	3.622.241	17.823
1.000 a menos de 2.000	773.233	8.056	95.982	1.509.239	512	1.119.045	2.649.329	14.489
2.000 a menos de 5.000	98.533	1.473	66.893	314.363	313	374.005	691.816	2.122
5.000 a menos de 10.000	61.895	1.193	51.882	208.255	297	71.711	71.920	1.212
SUBTOTAL DOS GRUPOS	8.001.813	104.261	76.748	25.659.797	312	20.479.413	47.665.740	153.489
TOTAL SÃO PAULO	8.520.395	112.056	76.037	27.974.184	305	22.140.042	51.898.622	164.434

FONTE – Censo Agropecuário – 1970.

(1) Somatório do total de pés novos mais total de pés em idade produtiva.

Economia Agrícola, a produtividade na safra 1983/84 deverá alcançar 2,4 caixas de laranja/pé. A seca que afetou os pomares paulistas na fase de seu desenvolvimento poderá, no entanto, reduzir o rendimento físico, mantendo-o próximo à média dos últimos quatro anos, isto é, na faixa de duas caixas de laranja/pé. Deve-se destacar que o aumento esperado no rendimento físico reflete uma melhora significativa nos tratos culturais e maior utilização de insumos, face aos excelentes preços recebidos pelos produtores nesta safra, se comparados com os dos últimos anos.

A segunda parte (1974–84), cujo início coincide com a grande crise que afetou a indústria, foi marcada por preços decrescentes (exceto em 1977, caracterizado pela valorização do suco no mercado internacional), os quais só voltaram a subir em 1984, depois de três geadas em anos consecutivos e que resultaram na queda da produção norte-americana (ver Gráfico 02). As altas taxas de inflação dos últimos quatro anos reduziram, de forma significativa, os preços reais recebidos pelo produtor de laranja, sobretudo devido à forma prevalecente de pagamento parcelado das vendas. Assim, o substancial aumento verificado no preço este ano, o maior em termos reais desde 1969, poderá, no final da safra, não ser tão remunerador quanto aparece no Gráfico 02, dado que 33% do valor da caixa de laranja (Cr$ 1.500) somente serão pagos em janeiro de 1985, sem qualquer correção. Cabe destacar que os Cr$ 3.000/caixa recebidos pelo produtor nos dois primeiros meses deste ano, antes de iniciada a colheita, deverão compensar as perdas advindas da inflação do período julho–dezembro de 1984.

As excelentes condições em que foi efetuada a comercialização da safra 1983/84 possibilitaram ao citricultor dispensar maiores cuidados as suas lavouras, revertendo o estado de quase abandono que se vinha configurando nas duas últimas safras. O aparecimento de uma série de pragas e doenças, devendo-se destacar dentre elas a chamada **declínio**, é devido à falta de tratos culturais e à reduzida aplicação de insumos no período. As perspectivas de uma comercialização bastante favorável para a próxima colheita deverão manter a mesma atitude nas lavouras, podendo-se esperar que a produção venha a ser de grande porte em 1984/85. A exemplo do que ocorreu este ano, em 1985, provavelmente, a produção também deverá ser adquirida por antecipação, visto que, àquela época, o mercado internacional ainda deverá possibilitar excepcionais ganhos para os exportadores. A recuperação das plantações dos **EUA**, esperada a partir da safra 1986/87, ocorrerá no mesmo período em que os novos pomares plantados em São Paulo estarão entrando em produção. Embora não se disponha ainda de dados estatísticos seguros, o início deste ano, de acordo com as informações divulgadas nas zonas produtoras, foi marcado por forte expansão da lavoura de laranja, com o plantio de numerosos pés, em áreas anteriormente ocupadas com outras atividades agropecuá-

QUADRO 05 – SÃO PAULO – PRODUÇÃO, ÁREA E RENDIMENTO DA LARANJA, SEGUNDO AS MICRORREGIÕES E OS MUNICÍPIOS PRODUTORES – 1980

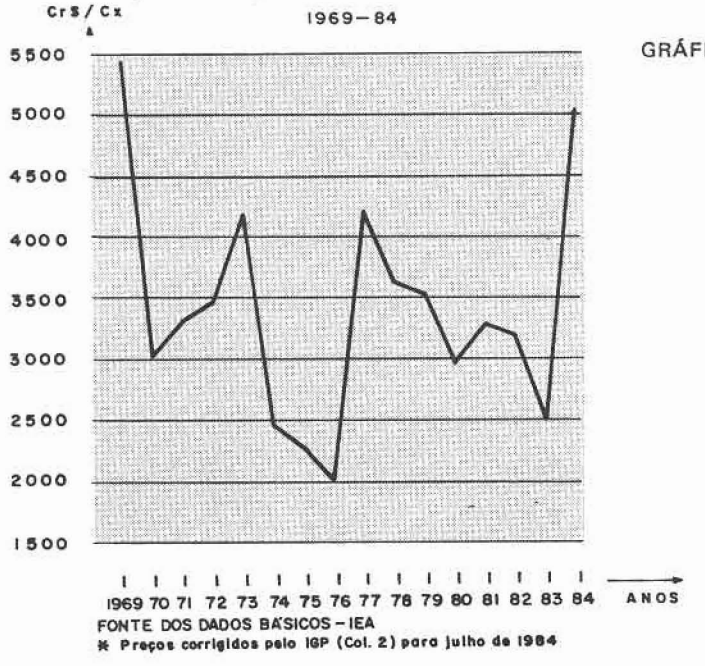
MICRORREGIÃO	MUNICÍPIO	QUANTIDADE (1.000 frutos)	ÁREA COLHIDA (ha)	PÉS QUE PRODUZIRAM	RENDIMENTO (frutos/ha)	RENDIMENTO (frutos/pé)	PÉS NOVOS	PÉS PLANTADOS	VALOR DA PRODUÇÃO (Cr$ 1.000)
Média Araraquarense (235)	Cajobi	957.754	8.628	1.764.847	111.005	543	504.129	2.301.807	411.928
Barretos (228)	Barretos	875.950	7.847	1.704.258	111.629	514	935.668	2.730.786	399.736
	Colina	757.933	6.847	1.502.970	110.695	504	375.454	1.943.574	341.552
Serra de Jaboticabal (236)	Bebedouro	3.206.875	30.746	6.666.469	104.302	481	914.694	7.697.026	1.394.994
	Monte Azul Paulista	1.814.957	13.711	2.893.103	132.372	627	331.031	3.230.534	747.119
	Pitangueiras	808.267	6.258	1.280.263	129.157	631	223.463	1.533.815	321.976
	Taquaritinga	1.351.199	13.440	3.054.332	100.535	442	526.155	3.611.117	497.474
Araraquara (242)	Araraquara	906.448	12.382	2.776.632	73.206	326	681.766	3.582.170	431.440
	Itápolis	856.660	8.422	2.125.045	101.717	403	1.048.599	3.247.694	348.890
	Matão	736.497	8.450	1.900.873	87.159	387	444.188	2.387.911	282.213
Campinas (248)	Araras	857.062	8.398	2.261.490	102.055	379	424.829	2.455.294	346.092
	Artur Nogueira	766.751	7.976	2.374.911	96.132	323	515.068	2.922.913	321.581
	Limeira	1.155.040	15.411	4.661.078	74.949	284	801.202	5.590.295	504.237
Depressão Periférica Setentrional (243)	Mogi-Guaçu	764.213	7.841	1.985.338	97.463	385	561.308	2.569.292	537.223
TOTAL DOS MUNICÍPIOS		15.815.606	156.357	36.951.609	101.151	428	8.287.554	45.804.228	6.886.455
TOTAL DO ESTADO		32.223.243	347.771	84.086.631	92.656	383	24.413.250	111.882.298	14.609.726

FONTE – Censo Agropecuário – 1980.

rias(*). O aumento da colheita paulista de laranja, a partir de 1987, poderá trazer sério problema para os produtores, visto que, caso a produção dos **EUA** retorne aos níveis normais, dificilmente se conseguirá exportar todo o suco que aqui será produzido. Além disso, se os preços recebidos pelos produtores se mantiverem nos níveis atuais, é provável que novos plantios sejam efetuados nos próximos dois anos, o que agravará ainda mais a situação, avolumando os excedentes. A obtenção de ren-

SÃO PAULO – EVOLUÇÃO DOS PREÇOS REAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE LARANJA

GRÁFICO 02



FONTE DOS DADOS BÁSICOS – IEA

* Preços corrigidos pelo IGP (Col. 2) para julho de 1984

(*) **A respeito, há trabalhos que responsabilizam a cultura da laranja pela redução de 15% do plantio de lavouras de alimentos em São Paulo, na década de 70.**



dimentos físicos crescentes e a expansão do consumo interno de laranja **in natura** e do suco concentrado, poderão evitar, pelo menos em parte, que novas crises econômicas afetem a citricultura paulista.

As indústrias de processamento parecem ter enfrentado uma única crise, em 1974/75, desde a sua instalação. Nos dois anos seguintes, as empresas tentaram recompor o parque industrial, o que resultou em concentrar ainda mais a atividade, visto que quase todas as pequenas indústrias terminaram sendo absorvidas pelas três grandes. A **Cargill Agrícola (Cargill Corporation)** adquiriu a **Citrobrasil**, de Bebedouro. A **Citrossuco Paulista** e a **Sucocítrico Cutrale** compraram a **Sucorrico**; a **Citral**, a **Tropissuco** e a **Avante**. O conglomerado liderado pelas duas empresas líderes do grupo passou a gerenciar 85% da capacidade instalada. Além disso, conseguiu a maioria acionária da empresa **holding**, a **Sucorrico**, e esta, por seu turno, o controle de duas outras empresas. A nova organização conferiu às indústrias um enorme poder sobre os produtores, uma vez que a compra da quase totalidade das safras de laranja se concentrou em apenas três grandes empresas. O resultado final desta situação é que, em anos de estoques internos elevados e cotações internacionais do suco baixas, esse poder se expressa pelo prolongamento excessivo das discussões sobre o preço da fruta, como houve em 1981, a ponto de haver perdas substanciais da produção no próprio pomar, devido ao atraso do início da colheita. Concomitantemente, ga-

QUADRO 06 – SÃO PAULO – PRODUÇÃO, ÁREA E RENDIMENTO DA LARANJA, SEGUNDO AS MICRORREGIÕES E OS MUNICÍPIOS PRODUTORES – 1975

MICRORREGIÃO	MUNICÍPIO	QUANTIDADE (1.000 frutos)	ÁREA COLHIDA (ha)	PÉS QUE PRODUZIRAM	RENDIMENTO (frutos/ha)	RENDIMENTO (frutos/pé)	PÉS NOVOS	PÉS PLANTADOS	VALOR DA PRODUÇÃO (Cr$ 1.000)
Divisor Turvo–Grande(227)	Olímpia	347.374	2.103	1.129.917	165.180	307	852.976	2.044.098	16.310
Média Araraquarense (235)	Cajobi	293.010	2.753	860.644	106.433	340	449.312	1.323.306	13.331
Barretos (228)	Barretos	374.393	3.906	1.089.595	95.850	344	900.044	2.061.667	17.727
	Colina	389.807	4.777	1.381.936	81.600	282	190.622	1.573.258	14.887
Serra de Jaboticabal (236)	Bebedouro	2.155.318	21.029	5.500.754	102.492	392	1.543.117	7.087.471	114.020
	Monte Azul Paulista	911.528	8.822	2.125.132	103.324	429	560.678	2.705.980	41.330
	Pitangueiras	338.997	2.771	787.106	122.337	431	525.880	1.339.156	23.219
	Taquaritinga	731.135	8.566	2.130.742	85.353	343	789.973	2.945.573	27.241
Araraquara (242)	Araraquara	477.947	6.716	2.114.994	71.165	226	1.264.883	3.434.822	24.754
Campinas (248)	Araras	613.871	5.845	1.678.710	105.025	366	530.653	2.219.433	28.035
	Artur Nogueira	524.284	5.790	1.840.535	90.549	285	440.902	2.375.356	23.846
	Limeira	1.495.523	15.446	5.213.416	96.822	287	1.232.416	6.460.566	63.357
Depressão Periférica Setentrional (243)	Mogi-Guaçu	406.179	3.463	1.112.396	117.291	365	614.790	1.786.098	27.386
	Pirassununga	356.510	5.526	1.487.090	64.515	240	630.507	2.185.320	17.236
TOTAL DOS MUNICÍPIOS		9.415.876	97.513	28.452.967	96.560	331	10.526.753	39.542.104	452.679
TOTAL DO ESTADO		16.688.021	188.163	57.534.270	88.689	290	27.985.742	88.098.719	863.068

FONTE – Censo Agropecuário de 1975.

nhou destaque a intervenção governamental, através da **Cacex**, que possui a faculdade de liberar as exportações de suco concentrado e tem servido de mediadora nas negociações de preços entre os agricultores e a indústria. A ação reguladora do governo não conseguiu impedir, porém, que os preços pagos aos lavradores fossem aviltados, após a grande crise. Destaque-se que a expansão ocorrida na produção de laranja propiciou o aparecimento de excedentes que, na realidade, foram a causa principal da queda verificada nos preços pagos pela indústria aos produtores.

No que concerne ao mercado externo, a concentração industrial tem-se mostrado benéfica ao país, porque o quase monopólio existente propicia o controle das cotações internacionais do suco. A presença do Brasil no exterior como praticamente o único fornecedor de suco em nível mundial, teria resultado em queda acentuada dos preços, não fosse essa forte concentração empresarial. Até 1972, houve certa estabilidade dos preços externos do suco, em torno de US$ 0,70/lb-peso, passando-se, a seguir, a conviver com oscilações constantes, em patamar mais baixo do que na fase anterior. A geada de 1977, nos **EUA**, fez crescer novamente as cotações que, daí em diante, declinaram até 1980, quando uma pequena onda de frio deu margem a especulações, insuficientes, porém, para manter os preços em nível elevado por muito tempo. A quebra da safra, causada pelas geadas dos três últimos anos, vem provocando sistematicamente a alta dos preços do suco, que hoje se encontram em patamar bem elevado (US$ 1,72/lb-peso). A redução da oferta norte-americana deverá manter as cotações no nível hoje vigente.

QUADRO 07 – SÃO PAULO – PRODUÇÃO, ÁREA E RENDIMENTO DA LARANJA, SEGUNDO AS MICRORREGIÕES E OS MUNICÍPIOS PRODUTORES – 1970

MICRORREGIÃO	MUNICÍPIO	QUANTIDADE (1.000 frutos)	ÁREA COLHIDA (ha)	PÉS QUE PRODUZIRAM	RENDIMENTO (frutos/ha)	RENDIMENTO (frutos/pé)	PÉS NOVOS	PÉS PLANTADOS	VALOR DA PRODUÇÃO (Cr$ 1.000)
Média Araraquarense (235)	Cajobi	136.202	1.303	251.052	104.529	542	251.246	504.348	4.251
Serra de Jaboticabal (236)	Bebedouro	1.368.242	15.171	3.124.868	90.188	438	1.553.721	4.732.865	26.509
	Monte Azul Paulista	334.805	3.804	804.038	88.014	416	667.913	1.479.731	7.125
	Santa Ernestina	129.035	1.323	382.554	97.532	337	143.483	525.037	2.070
	Taquaritinga	244.987	3.696	955.942	66.284	256	823.573	1.796.718	3.953
Ribeirão Preto (237)	Santa Rita do Passa Quatro	128.657	1.747	505.147	73.644	254	363.126	887.008	2.290
Araraquara (242)	Araraquara	373.819	5.004	1.172.166	74.704	319	1.045.939	2.272.464	6.601
	Matão	129.289	1.440	484.678	89.784	267	547.320	1.032.958	1.853
Campinas (248)	Araras	424.520	4.164	1.009.881	101.950	420	372.891	1.399.032	5.640
	Artur Nogueira	265.686	2.671	831.319	99.470	320	801.845	1.675.541	4.263
	Jaguariuna	115.206	1.557	412.863	73.992	279	199.482	625.495	2.424
	Limeira	1.159.238	14.937	4.172.824	77.608	278	1.679.520	5.909.046	18.495
Depressão Periférica Setentrional (243)	Leme	152.965	1.743	479.526	87.759	307	246.900	776.150	4.305
	Mogi-Guaçu	160.955	2.066	421.330	77.906	382	391.909	875.744	3.436
	Pirassununga	193.123	2.899	691.359	66.617	279	621.090	1.373.879	3.514
TOTAL DOS MUNICÍPIOS		5.316.729	63.525	15.717.547	83.695	338	9.710.258	25.866.016	96.729
TOTAL DO ESTADO		8.520.395	112.058	27.974.184	73.035	304	22.140.042	51.898.622	164.434

FONTE – Censo Agropecuário – 1970.

O RIO DE JANEIRO FOI O PRINCIPAL PRODUTOR

O Rio de Janeiro durante muito tempo deteve a primeira colocação entre os estados produtores de laranja, posição perdida para São Paulo, desde 1959. Só nove anos depois, porém, a citricultura paulista obteve uma produtividade física superior à fluminense. O Quadro 08 *apresenta a evolução da produção nos dois estados e no país, nas três últimas décadas. Hoje, o Rio de Janeiro é o terceiro produtor, tendo colhido 2,3 milhões de frutos em 1982. Sergipe colheu 2,5 milhões e São Paulo, 45,7 milhões. A perda de posição do estado ocorreu, portanto, em período não muito distante. Suas causas diretas estão no rápido processo de urbanização na área produtora tradicional e na implantação de um moderno parque industrial, em São Paulo.*

Atualmente, segundo a Comissão Estadual de Planejamento Agrícola—RJ, a produção da laranja fluminense atende a cerca de 74% da demanda estadual, tendo a citricultura participado com 6,1% do valor bruto da produção agrícola do estado, em 1982, e empregado aproximadamente 24 mil pessoas.

O processo de urbanização ainda hoje se verifica, mas de modo um pouco diferente, pois antigas propriedades produtoras de cítricos, situadas na Região Metropolitana, vêm sendo, agora, transformadas em sítios modernos pertencentes à afluente classe média da capital, cuja função de lazer pode prescindir dos pomares, embora em diversos se dê sua manutenção e, por vezes, sua ampliação.

O município de Itaboraí, na Região Metropolitana, continua sendo o maior produtor da fruta, seguido do de Araruama, na Região das Baixadas Litorâneas. Prevê-se que a atividade tenderá a se desenvolver cada vez mais rapidamente nesta última região (onde já são registradas as maiores taxas de crescimento dos pomares) rumo ao Norte do estado. Segundo o **Estudo de Localização e Identificação de Oportunidades Agroindustriais,** *da* **Fiderj,** *a área potencial da citricultura, nestas duas regiões (Baixadas Litorâneas e Norte) supera os 600 mil hectares, embora a* **Cepa** *considere ecologicamente aptos 227,1 mil ha. A cultura ocupa, hoje, apenas 21 mil ha.*

Apesar de não conseguir atender a todas as necessidades do consumo no Rio de Janeiro, a laranja produzida no estado é regularmente exportada para os estados vizinhos, incluindo São Paulo, em razão de sua boa qualidade.

A principal destinação do produto é o consumo **in natura,** *ao contrário das lavouras paulistas, direcionadas à produção de suco concentrado, cujo principal mercado encontra-se no exterior. A industrialização recente do país não incentivou a citricultura fluminense. Inexistem no estado unidades industriais de vulto, para absorver sua produção e não foram introduzidos novos métodos de cultivo, nem variedades mais aprimoradas, com maior resistência a pragas e doenças. Nos últimos anos, vem-se desenvolvendo um esforço para superar esta situação, através do plantio de variedades adaptadas ao uso industrial. Isto se fez necessário, pois as laranjas das variedades* **lima** *e* **baía,** *bastante freqüentes nos pomares do estado, não servem à fabricação do suco, por razões de paladar (a primeira) e de tamanho.*

Evidentemente, não sendo o clima e o solo hostis ao cultivo de novas variedades, dever-se-á buscar superar o atraso na implantação não só de novos pomares mas, também, de indústrias para a produção de suco. A partir do surgimento de uma demanda especificamente industrial, suas exigências de padronização e de uma oferta regular, deverão fazer com que a já reconhecida qualidade das frutas produzidas seja um real fator de incentivo à produção.

QUADRO 08 – LARANJA – EVOLUÇÃO DA ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO NO RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO E BRASIL, POR DÉCADA (1951–60 a 1971–80)

ANO	ÁREA (ha)					PRODUÇÃO (1.000 frutos)					RENDIMENTO		
	RJ	%	SP	%	BR	RJ	%	SP	%	BR	RJ	SP	BR
1951–60	18.389	21	20.525	23	87.446	1.590.089	23	1.379.601	20	6.931.357	86.470	67.215	79.264
1961–70	22.593	14	65.239	42	156.764	1.813.430	15	4.675.635	40	11.815.597	80.265	71.669	75.372
1971–80	32.375	8	241.426	63	385.982	2.539.267	7	23.331.195	69	33.804.838	78.433	96.639	87.581

FONTE – IEA, Fiderj, IBGE, Suplan/Minagri.